

# Dossiê

## Trânsitos intelectuais nas Américas

### Memória rota e outras memórias

João Marcelo Maia\*

Helena Bomeny\*\*

Este dossiê nasceu de uma celebração. A Companhia das Letras lançou em 2016 o livro *A Memória Rota* de Arcadio Díaz-Quñones, professor em Princeton, crítico da cultura e da política na periferia do capitalismo e um dos intelectuais caribenhos mais importantes na interlocução entre Porto Rico e Estados Unidos. O livro foi lançado na Livraria Travessa com a presença do próprio autor e de dois intelectuais brasileiros, Silviano Santiago e André Botelho, cujas falas recuperavam o lugar dos intelectuais e os caminhos de diálogo e imaginação periférica em contextos de produção hegemônica. A noite foi regada de lembranças provocadas por traços e fragmentos do livro que ofereciam ao público, em verdade, o trajeto de intelectuais latino-americanos e caribenhos em ambientes que dinamizaram o intercâmbio entre a América do Norte com as Américas do Sul e Central. A atmosfera de tantos cruzamentos, encontros e imaginação especialmente mobilizados por Arcadio e Silviano em suas próprias trajetórias nos estimulou a montar este dossiê, no qual incluímos outras trajetórias, outros cruzamentos, paragens distintas com personagens que igualmente marcaram a história intelectual de nossos países periféricos.

---

\* João Marcelo Maia é Professor e pesquisador do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV); e Doutor em Sociologia pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ). É autor, entre outros, do livro premiado *A Terra como invenção: o espaço no pensamento social brasileiro*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2008.

\*\* Helena Bomeny é Professora Titular de Sociologia da Universidade do Estado do (UERJ); e Doutora em Sociologia pelo IUPERJ. É autora, entre outros, de *Darcy Ribeiro. Sociologia de um indisciplinado*. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2001. E-mail: [helena.bomeny@hotmail.com](mailto:helena.bomeny@hotmail.com).

Silviano Santiago em sua abertura já nos insinua o traçado que iria percorrer a propósito da homenagem a Arcadio Díaz-Quñones:

“só poderia sentar-me à mesa na Livraria da Travessa se retomasse, nas profundezas das suas raízes novo-mexicanas, um antigo e saudoso sentimento de amizade aos latinos. Pela admiração a um acadêmico porto-riquenho competente e engajado, eu revelaria a amizade que mantive e mantenho por um coletivo comunitário oprimido. Sentimento que sempre norteou meus passos no dia-a-dia da vida universitária, ainda que noutra e diferente nação. Admirava e admiro todos os profissionais que, por uma razão ou outra, são capazes de ir além da pesquisa própria e original, ir além da difusão do saber disciplinar, a fim de atrair e angariar o interesse da população ianque ou das instituições norte-americanas para os que delas necessitam, mas não as merecem pelo próprio valor”.

E foi o que fez à maneira sofisticada e erudita que marca seus escritos.

Pedro Monteiro, responsável pela tradução e organização do livro na edição brasileira, prolonga as notas de Silviano Santiago trazendo ao leitor a reflexão sobre possibilidades abertas pela imaginação periférica em contraposição aos descaminhos do mundo moderno. Propôs-se a mobilizar três momentos da produção crítica moderna e contemporânea, no Brasil e no Caribe, em que, nos adianta,

“os espaços periféricos parecem ter criado práticas sociais e culturais que resistem ao poder da norma. Para além de um elogio simplista das sociedades “híbridas” ou “mestiças”, pretendo perguntar, com Sérgio Buarque de Holanda, José Miguel Wisnik e Arcadio Díaz-Quñones, pela noção de sujeito que emerge das experiências marginais”.

O diálogo entre intelectuais periféricos permanece no texto que trata do encontro entre Darcy Ribeiro e Ángel Rama, ambos mobilizados, em notas particulares, por responder aos desafios impostos pelos centros produtores da imaginação social aos nossos países latino-americanos. O exílio foi uma dimensão crucial na recuperação simbólica e política desses intelectuais e ganhou expressividade na escrita de Helena Bomeny e Alejandra Josiowicz.

O artigo de Maria Caroline Tresoldi, por sua vez, retoma as conexões entre pensadores periféricos ao comparar dois dos mais importantes críticos culturais do Cone Sul, Roberto Schwarz e Beatriz Sarlo. Seu texto

nos permite captar as formas pelas quais a literatura se transformou em peça-chave para desvendar os processos sociais do capitalismo nessas paragens do Hemisfério Sul.

Ronaldo Castro, professor do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais (PPCIS) / UERJ, também se debruça sobre um conhecido intelectual brasileiro, Antônio Cândido. Em seu texto, Castro nos mostra como a análise dialética de Cândido traduz as desventuras do tema da formação nacional, conhecida obsessão dos intelectuais que pensaram o moderno em contextos não-centrais.

Finalmente, o texto de Eliane Perdigão e Valter Sinder sobre as aproximações entre ficção e etnografia fecha com maestria o dossiê. Ao se concentrarem em dois romances que jogam com as estratégias de verossimilhança antropológica ('Nove Noites', de Bernardo de Carvalho, e 'Os papeis do inglês', de Ruy Duarte de Carvalho), Perdigão e Sinder mostram como os debates em torno da etnografia nos permitem ver as assimetrias contidas em todo 'encontro colonial'.

No conjunto, o leitor será apresentando a uma viagem plural, mas coerente. Tomando como ponto de partida as reflexões de Arcádio e as provocações de Silviano Santiago, poderá navegar entre textos que produzem pontes e aproximações entre autores e tradições intelectuais tidas como periféricas. Ao final, esperamos que a leitura deste dossiê consiga estabelecer novas inquietações teóricas, o que evidenciaria a potência e a contemporaneidade do que conhecemos por 'pensamento social'. Não é outra a tarefa a que nos propomos.

**Recebido em**  
outubro de 2017

**Aprovado em**  
outubro de 2017